

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

MIRDES INEZ BOUFLEUR KUNZ

**EAD: IMPACTOS E CONSEQUÊNCIAS PARA A
EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA**

**Porto Alegre
2012**

MIRDES INEZ BOUFLEUR KUNZ

**EAD: IMPACTOS E CONSEQUÊNCIAS PARA A
EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador(a):
Silvana Corbellini**

**Porto Alegre
2012**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:

Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação:

Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

RESUMO

Esta monografia é uma revisão bibliográfica sobre a modalidade de Educação a Distância (EAD) e, como esta pode influenciar a educação contemporânea. Através deste estudo se pretende contribuir com diretrizes norteadoras para a educação, conhecer o perfil do aluno EAD, seus impactos, suas consequências na contemporaneidade, as principais mudanças que vem provocando na prática pedagógica com base nas teorias da educação. O evento EAD transformou o ensino e aprendizagem, tradicional e expositivo em uma aprendizagem autônoma e autorregulada, fazendo com que os papéis do professor e do aluno também se alterassem. Atualmente, o professor passou de “centro do saber” para mediador e colaborador, enquanto o aluno passou de mero receptor da informação para o construtor de seu próprio crescimento cognitivo. No entanto há contrapontos dos autores pesquisados onde uns defendem o ensino e aprendizagem individual e responsável, enquanto outros defendem a compreensão do outro e a visão do “nós” em detrimento do eu individual, a imagem do professor como imprescindível na construção do conhecimento, como também as atividades colaborativas sendo estas uma forma epistemológica viável para a educação na contemporaneidade.

Palavras-chave: Educação; Perfil do aluno; EAD.

ABSTRACT

The Monograph following is a literature review on the mode of Distance Learning (ODL), and how this can influence contemporary education. Through this study is to contribute to guiding policies for education, know the profile of the student EAD, its impacts, their consequences in the present, the major changes that has caused the pedagogical practice based on the theories of education. The event EAD transformed teaching and learning in a traditional expository and autonomous learning and autorregulada, making the roles of teacher and student also altered. Currently, the teacher went from "knowledge center" for mediator and collaborator, as the student fell from a mere receiver of information to the constructor of their own cognitive growth. However there are counterpoints the authors surveyed where some advocate the teaching and learning and responsible individual, while others advocate the understanding of the other and the vision of "we" rather than the individual self, the image of the teacher as essential in the construction of knowledge, but also collaborative activities is one way these epistemological viable for education nowadays.

Keywords: Education; profile student; EAD.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO:	07
2.METODOLOGIA	09
3.CONCEITUANDO EDUCAÇÃO	10
3.1.Paradigmas EAD	21
3.2.Perspectivas:	25
4. EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA	34
4.1.Ambientes Virtuais de Aprendizagem Novas Oportunidades	37
4.1.1Os Três Diferentes Campos da Aprendizagem Virtual.....	39
4.1.2Aprendizagem Autônoma ou Autorregulada.....	42
5.EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA IMPACTOS E SUAS CONSEQUÊNCIAS	47
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	64
GLOSSÁRIO	66

1.INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir tem como principal objetivo estudar as abordagens sobre a Educação à Distância, que possam servir como norteadoras a todos aqueles que continuam com dúvidas relativas a essa modalidade. A partir da apresentação das teorias do ensino e aprendizagem neste modelo, pretendem-se observar as evoluções do perfil do aluno EAD, os impactos e as consequências para o ensino contemporâneo.

A Educação à Distância (EAD) tornou-se uma forma necessária e indispensável para muitas pessoas terem acesso à aprendizagem. Dentro de uma abordagem epistemológica construtivista, *a priori*, esta modalidade de ensino vem lapidando um perfil de aluno com responsabilidade e como principal ator da própria aquisição de conhecimento.

Dentro do contexto EAD alteraram-se os papéis do professor e do aluno. Com este movimento, observa-se que a aprendizagem torna-se um processo satisfatório, através dos dispositivos tecnológicos e das práticas pedagógicas exploratórias e colaborativas.

Procurou-se, através da pesquisa bibliográfica, investigar o perfil do aluno EAD na atualidade; bem como, analisar a partir daí, os impactos e a mudança de paradigmas que vimos sofrendo ao longo da era EAD. Desta forma, fez-se um percurso teórico de autores como Peters (2002), Libâneo (2001), Gadotti (2000),

Carvalho (2007), Cardin (2012), Moreira (2007), entre outros, para fundamentar o nosso trabalho.

Acredita-se que os autores proporcionam um bom embasamento para o estudo desta modalidade de ensino e aprendizagem apresentando-nos características do perfil do aluno EAD e trazendo também, bases de concepções epistemológicas referentes à Educação à Distância. Assim, conseguimos traçar um perfil do aluno da EAD, bem como refletimos sobre os impactos que esta modalidade tem acarretado na atualidade.

Acreditamos que, o processo de aquisição de conhecimento da modalidade EAD e os paradigmas desta modalidade continuam em constante construção, mas, ainda são vistos de forma paradoxal pela sociedade.

2. METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Em um primeiro momento, procura-se conceituar a educação, através das teorias de Libâneo (2001), Chalita (2009) e Gadotti (2000) com vistas na educação contemporânea.

Em seguida, estudam-se os impactos e consequências da Educação à Distância para a educação contemporânea baseada nos autores como: Peters (2002), Libâneo (2001), Gadotti (2000), Carvalho (2007), Cardin (2012), Chalita (2009), Moreira (2007), Corbellini (2012), entre outros.

O nosso problema de pesquisa é a investigação dos impactos das mudanças de paradigmas que vimos sofrendo ao longo da era EAD, para estabelecer um paralelo com os diferentes perfis dos alunos neste percurso.

Os objetivos a que esta pesquisa se propõe é investigar o perfil do aluno dos cursos na modalidade à distância e analisar os impactos e as mudanças que vem ocorrendo na trajetória da Educação à Distância.

A EAD é uma modalidade de ensino e aprendizagem que veio como alternativa de educação inclusiva. Por este motivo, procura-se sob a luz dos teóricos de educação e, em especial da Educação à Distância estudar sua trajetória, seus principais conceitos e as apreciações que vem sofrendo.

3. CONCEITUANDO EDUCAÇÃO

Apresenta-se aqui, as principais concepções epistemológicas que configuram a educação, mais precisamente, a educação contemporânea.

Para Chalita (2009) o processo educacional sofreu influências de numerosos pensadores: antigos, modernos e contemporâneos e que, a exemplo de Maquiavel, ousaram propor novos questionamentos para o conhecimento da ação humana. Conforme cita o autor, para Francis Bacon, um filósofo utópico, aquele que possuía o conhecimento, detinha o poder. O empirismo, segundo o autor, foi concebido por Galileu Galilei que valorizou o método da experimentação, demonstrando que o conhecimento só podia ser alcançado por meio dos sentidos, embasado em dogmas que jamais podiam ser contestados por não poderem ser comprovados.

O autor ainda menciona René Descartes, considerado o pai da filosofia moderna, que se contrapôs ao dogmatismo medieval e propôs o processo do conhecimento fundamentado na dúvida metódica. Postulava que a razão precedia a experimentação. Conforme o autor, Descartes criticava os empiristas afirmando que o homem não podia ser como uma “tábua rasa”, ou seja, uma folha em branco sobre

a qual a experiência sensível se escreveria. Para ele, o ser humano nasce com o conhecimento.

Conforme Chalita (2009), um dos principais intérpretes do liberalismo foi John Locke, cuja teoria se opunha ao absolutismo dos reis e defendia os anseios da burguesia. Locke defendia a iniciativa privada contra o abuso estatal. No seu estado de natureza o homem era livre e não havia força alguma que o subjugasse. Sua pedagogia foi tachada de elitista porque não defendia uma educação universal. Chalita (2009) continua trazendo Jean Jackes Rousseau, como o pensador que propôs uma educação embasada no retorno do homem à natureza e à sua espontaneidade. Para Rousseau era preciso que o cidadão fosse capaz de desenvolver a sua liberdade para que, de forma natural, aceitasse um contrato que visasse ao bem comum. Liberdade sem obediência não edifica a pessoa, nem a sociedade.

Segundo Chalita (2009), Rousseau desprezava a ideia de que a criança seria um adulto em miniatura e enfatizava que a educação precisaria se concentrar não no professor, mas no aluno e propôs um sistema educacional que permitia ao indivíduo afastar-se da sociedade corruptora onde vive, aproximando-se de seu estado de bondade natural. Rousseau acreditava que o homem era bom por natureza, mas sujeito à corrupção da sociedade. O modelo de Rousseau também foi contestado por garantir uma educação profundamente elitista e afastado da sociedade.

Outro pensador que marcou a história da educação, conforme Chalita (2009) foi Immanuel Kant, que sintetizou o empirismo e o racionalismo construindo uma nova forma de encarar o conhecimento. Defendia a busca da construção de um homem livre e responsável. Kant acreditava em uma educação que formasse para a responsabilidade. Para Kant o conhecimento sem a moral não resultaria em proveito algum. Chalita (2009) diz que Kant abominava o processo educativo que adestrava a criança e que a obediência deveria ser voluntária.

Chalita (2009) cita João Amós Comênio, como o pai da didática moderna. Comênio defendia uma educação universal e a ideia de que tudo deveria ser ensinado para todos, sendo uma das propostas pedagógicas que hoje se consagra. Ele defendia a ação: só se aprende algo, fazendo.

Para Chalita (2009) quando se aprende a fazer, fazendo, e se perpetua aquilo que a vida exige, o conhecimento encontra a sua razão de ser, qual seja, melhorar o homem e o mundo. O autor ainda aborda Hegel, que defendia a instituição de critérios que proporcionassem ao homem a possibilidade de reflexão, variável de acordo com seu tempo e suas necessidades. O ser humano muda com o tempo, está em constante transformação e a validade de sua verdade está diretamente ligada ao elemento temporal. Para que a sua realidade, em constante processo, fosse explicitada, Hegel desenvolveu a lógica dialética processada em três etapas: tese, antítese e síntese. Hegel ainda desconfiava das pedagogias formalistas, definidas em métodos e técnicas, e privilegiava os conteúdos da prática docente, determinantes na formação do homem pensante e autônomo.

Chalita (2009) cita também Karl Marx, o qual acreditava que tudo o que havia na sociedade era determinado por uma questão socioeconômica. Para o autor, a educação da reflexão marxista influenciou países e culturas, na tentativa de assegurar condições iguais para que todos pudessem aprender e dar a sua contribuição para o estado.

De acordo com Libâneo (2001), um dos fenômenos mais significativos do momento é a ampliação do conceito de educação: a diversificação das práticas pedagógicas e como consequência uma mudança na pedagogia social, mediante as modalidades informais, não formais e formais de ensino e aprendizagem.

O autor fala também do paradoxo pedagógico que se instalou com este evento de ampliação da educação. Estando em alta, por um lado, nos meios profissionais, sindicais, políticos e universitários, onde podemos notar movimentos de ampliação pedagógica. Por outro lado, esta mesma pedagogia está em baixa nos meios intelectuais, dos profissionais da educação, os quais adotam uma atitude desinteressada frente à especificidade dos estudos pedagógicos e seus próprios conteúdos e processos que representam.

Entretanto, Libâneo (2001) identifica a sociedade atual como eminentemente pedagógica, ao ponto de ser chamada de a sociedade do conhecimento. O exemplo do poder pedagógico que vem se acentuando nos meios de comunicação através de práticas pedagógicas disseminadas pelas mídias televisivas, rádios, jornais, como também nas atividades de saúde e assistência social. Sendo que, as empresas,

hoje, já reconhecem a prática pedagógica em seu ambiente como requisito intelectual para melhorar a produção.

São requeridas novas habilidades, mais capacidade de abstração, de atenção, um comportamento profissional mais flexível. Para tanto, a necessidade de formação geral se repõe, implicando reavaliação dos processos de aprendizagem, familiarização com os meios de comunicação e com a informática, desenvolvimento de competências comunicativas, de capacidades criativas para análise de situações novas e cambiantes, capacidade de pensar e agir com horizontes mais amplos. Estamos frente a exigências de formação de um novo educador (LIBÂNEO, 2001, p.156).

Nota-se assim, segundo o autor, uma ação pedagógica múltipla na sociedade, na qual o fazer pedagógico extrapola o sistema formal de ensino nas escolas para os mais variados setores da sociedade, atingindo a não formalidade e a informalidade.

Libâneo (2001) afirma que a toda educação corresponde uma pedagogia. Sendo assim, refere à educação como um conjunto de processos, influências, estruturas e ações que intervém no desenvolvimento humano, de indivíduos e grupos num determinado contexto visando à formação do ser humano. A educação é vista como uma prática humana e social, que modifica os seres humanos em seus estados físico, mental e espiritual e dá ao ser humano uma configuração de existência individual e grupal. Está ligada a processos de comunicação e interação na qual o indivíduo assimila saberes, técnicas, atitudes e valores existentes no meio culturalmente organizado e com isso alcançarem o patamar necessário para otimizá-los.

Para Gadotti (2000) esta é a era do conhecimento. Consequência da informatização e do processo de globalização a ele associado. Ainda que grande

massa da população esteja fora deste processo, a sociedade já ingressou na era do conhecimento.

Todavia, constata-se a predominância da difusão de dados e informações e não de conhecimentos. Este, por sinal, é estocado e armazenado de forma prática e acessível, em gigantescos volumes de informações, permitindo-se sua pesquisa de modo simples e de fácil acesso.

Nesta era, segundo o autor, as novas tecnologias permitem acessar conhecimentos transmitidos não apenas por palavras, mas por imagens, sons, vídeos, etc., sendo que a informação deixou de ser uma área ou especialidade para se tornar uma dimensão de tudo, transformando profundamente a forma como a sociedade se organiza.

Este é um motivo pelo qual Gadotti (2000) defende a educação como um bem coletivo sem restrições.

A educação, em particular a educação a distância, é um *bem coletivo* e, por isso, não deve ser regulada pelo jogo do mercado, nem pelos interesses políticos ou pelo furor legiferante de regulamentar, credenciar, autorizar, reconhecer, avaliar, etc. de muitos tecno burocratas. Quem deve decidir sobre a qualidade dos seus certificados não é nem o Estado e nem o mercado, mas sim a sociedade e o sujeito aprendente. Na era da informação generalizada, existirá ainda necessidade de diplomas? O que *cabe à escola* na sociedade informacional? Cabe a ela organizar um movimento global de renovação cultural, aproveitando-se de toda essa riqueza de informações. Hoje é a empresa que está assumindo esse papel inovador. A escola não pode ficar a reboque das inovações tecnológicas. Ela precisa ser um centro de inovação. Temos uma tradição de dar pouca importância à educação tecnológica, a qual deveria começar já na educação infantil. Na sociedade da informação, a escola deve servir de *bússola* para navegar nesse mar do conhecimento, superando a visão utilitarista de só oferecer informações “úteis” para a competitividade, para obter resultados (GADOTTI, 2000, p.3).

Para o autor, servir de bússola significa orientar criticamente, sobretudo as crianças e jovens, na busca de informação que os façam crescer e não embrutecerem.

Entende-se então, conjuntamente com Libâneo (2001), a pedagogia como uma prática cultural, forma de trabalho cultural, que envolve uma prática intencional de produção e de internalização de significados. Por isso, o autor afirma que a educação é uma prática social que busca realizar nos sujeitos humanos as características de humanização plena.

Gadotti (2000) defende a tecnologia como um grande vetor para o aprendizado nesta era da informação.

Hoje vale tudo para aprender. Isso vai além da “reciclagem” e da atualização de conhecimento e muito mais além da “assimilação” de conhecimentos. A sociedade do conhecimento possui múltiplas oportunidades de aprendizagem: parcerias entre o público e o privado (família, empresa, associações, etc.); avaliações permanentes; debate público; autonomia da escola; generalização da inovação. As conseqüências para a escola e para a educação em geral são enormes: ensinar a pensar; saber comunicar-se; saber pesquisar; ter raciocínio lógico; fazer sínteses e elaborações teóricas; saber organizar seu próprio trabalho; ter disciplina para o trabalho; ser independente e autônomo; saber articular o conhecimento com a prática; ser aprendiz autônomo e a distância (GADOTTI, 2000, p.8).

Para Libâneo (2001) a pedagogia, mediante conhecimentos científicos, técnicos, profissionais e filosóficos, investiga a realidade educacional em transformação, para explicitar os objetivos e processos de intervenção metodológica e organizativa referentes à transmissão, assimilação de saberes e modos de ação. Visa o entendimento global e intencionalmente dirigido, dos problemas educativos, e que recorre aos aportes teóricos providos pelas demais ciências da educação.

O autor aponta para uma diversidade de práticas educativas na sociedade, na qual a contemporaneidade mostra uma sociedade pedagógica revelando amplos campos de ação pedagógica.

Há uma efetiva transformação na concepção de conhecimento em decorrência da crise de paradigmas das ciências, das inovações tecnológicas e comunicacionais. Para essa nova racionalidade, é preciso reavaliar a investigação sobre ensino e aprendizagem. Ante o paradigma tecnicista do aprender a fazer, aprender a usar (conhecimento como operacionalização) e aprender a comunicar, é necessário de fortalecer a investigação sobre os processos cognitivos, em que seja destacado o movimento do ensinar a pensar. Das escolas e dos professores, está sendo requerida a ajuda aos alunos no desenvolvimento da qualidade do pensar, de habilidades e estratégias de pensamento autônomo, crítico e criativo (LIBÂNEO, 2001, p.170).

Conforme Libâneo (2001) o mundo contemporâneo requer ações pedagógicas mais definidas, implicando uma capacitação teórica e profissional de pedagogos e professores muito além daquela que se apresenta hoje. Pela alta complexidade que a pedagogia vem apresentando hoje, torna-se necessária uma abertura científica e tecnológica, de modo a desenvolver uma práxis investigativa e interdisciplinar inseridas nas práticas e movimentos sociais de cunho intercultural e transacional de movimentos pela paz e justiça sociais.

Para o enfrentamento de exigências colocadas pelo mundo contemporâneo, são requeridos dos educadores novos objetivos, novas habilidades cognitivas, mais capacidade de pensamento abstrato e flexibilidade de raciocínio, capacidade de percepção de mudanças. Portanto, é clara a necessidade de formação geral e profissional implicando o repensar dos processos de aprendizagem e das formas do aprender a aprender, a familiarização com os meios de comunicação e o domínio da linguagem informacional, o desenvolvimento de competências comunicativas e capacidades criativas para análise de situações novas e cambiantes (LIBÂNEO, 2001, p. 172)

O autor denomina esta era na qual a sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que se globaliza, cria novos patamares de progresso material, amplia

também a exclusão social, afastando assim o indivíduo que não consegue se atualizar neste sistema tecnológico vigente. O aluno que não consome, manipula e acompanha a evolução das mídias tecnológicas de informação, automaticamente é excluído. Neste contexto o papel da EAD já apresenta propostas de ensino e aprendizagem inclusivas, visando trabalhar no sentido de minimizar a exclusão social, oferecendo novos ambientes e oportunidades de aprendizagem. Os recursos para estas novas propostas já podem ser notados através da disponibilização de ferramentas para o uso tecnológico das comunidades, como: Os Telecentros Comunitários, os Centros de Inclusão Digital, as salas de aula virtuais equipadas com tecnologias necessárias e monitoradas por especialistas qualificados que auxiliam na construção do conhecimento.

Moreira (2007) chama atenção para os problemas que são enfrentados com o uso adequado das tecnologias com a fusão do quadro negro, giz e impressos para as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

Atribuem-se múltiplos sentidos à presença das TIC no ensino, vistas como contribuindo para que: se superem os limites das “velhas tecnologias” (ilustradas pelo quadro-de-giz e por materiais impressos); se solucionem problemas pedagógicos com que o professor se depara; ou, ainda, se enfrentem questões sociais mais amplas. É como se as TIC fossem dotadas de poder miraculoso! Nessa perspectiva, deixam de ser entendidas como produções histórico-sociais, sendo vistas como fontes de transformações que consolidariam a *sociedade da informação ou do conhecimento* – expressão da qual estão ausentes os elementos sociopolíticos do “novo” arranjo social (MOREIRA, 2007, p. 1042).

O autor ainda questiona como podemos conceber a formação do aluno e praticá-la como estratégia de humanização e respeito. Moreira (2007) adverte para as mudanças que acontecem no mundo refletem também no ambiente escolar. O

que implica em considerar que os alunos e professores são crianças, jovens e adultos que pertencem a classes sociais desiguais, tem origens étnicas, religiões e culturas diferentes, além do meio onde vivem, suas raízes e histórias. Construindo, cada qual, sua realidade em um sistema capitalista que nos deixa à deriva.

Moreira (2007) defende que compreender ou estabelecer diálogo é o desafio nos mais variados planos da produção humana. Em relação aos profissionais da educação cabe-lhes a responsabilidade nos planos cognitivo, estético e o agir ético de assumir como intelectuais, papel ativo na compreensão dos processos implicados na educação e na escola, bem como, os fenômenos sociais contemporâneos em sua complexidade.

Conceber professores e gestores como intelectuais contribui para repensar a escola, a formação e a tecnologia, de modo que a construção de narrativas das histórias de vida seja o objetivo. Permite que novos conhecimentos (adquiridos ou construídos) se enraizem nas trajetórias vividas. Ao fazê-lo, concorre para que a vida se torne legível, compreensível, percebida na sua dimensão de longo prazo, em que é possível conhecer e reconhecer o outro e, portanto, é possível o sentimento do “nós”. Induz, também, a tecnologia – produção humana que rompe a corrente de transmissão de práticas ligadas às histórias de grupos ou povos – a tornar-se instrumento de narração e de estruturação de grupos e projetos (MOREIRA, 2007, p. 1053).

O autor enfatiza que numa conjuntura econômica e política, em que a transformação do mundo no trabalho e desemprego agrava a estrutura social, marcadas pela desigualdade e injustiça social, a tecnologia pode ser um instrumento usado a favor ou contra o processo de formação do ser humano.

Muitas reformas curriculares se referem à escola por meio de modelos, desenhos e políticas centralmente definidos, supondo que é possível mudar à força o real, com decretos, projetos, referenciais ou parâmetros, sem mudar condições e práticas e sem envolver os atores do processo. Além

disso, há propostas curriculares em que se adota uma visão radicalizada da tecnologia, ora vista como capaz de agravar os problemas da escola, ora como capaz de resolver os males educacionais. Porém, como na formação de professores e gestores, há alternativas para o delineamento e a implementação de políticas curriculares (MOREIRA, 2007, p. 1054).

Corbellini e Real abordam as constantes buscas de melhorias para delinear esta implantação de políticas educacionais que se aproximam dos aparatos tecnológicos existentes e das necessidades de construção do conhecimento.

Hoje, os contornos da área da Educação fazem com que os pesquisadores se debrucem em busca de novas respostas para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, investigações que almejem novas metodologias de ensino, visando à qualificação das práticas, das relações entre docentes e discentes, a formação continuada, a inclusão da pesquisa, entre outros; são componentes do nosso panorama educacional. Essas questões fazem parte da educação na modalidade presencial e da educação na modalidade a distância (EAD), que aqui será abordada mais especificamente. Na Educação a Distância, a sala virtual passa a “ocupar” o lugar da sala presencial. Isso implica em diferentes componentes nesse novo espaço, onde se destacam as tecnologias da informação e comunicação (TICs); bem como as diversas ferramentas disponibilizadas nos ambientes virtuais propiciando as comunicações. Dentre elas, podemos citar os chats, fóruns, lista de discussões, blogs, wikis, e-mails e outros. Todas estas, podem marcar a presença dos sujeitos no processo de ensino-aprendizagem, através de sua interação, sua escrita e sua produção. Importante frisar que se trata de outra dimensão de presença, que não a física – corporal e sim, da presença “psíquica” – mental (CORBELLINI e REAL, 2012, p, 2).

Este novo espaço, segundo as autoras, dimensiona a presença não física, neste novo modelo de educação e, salientam que a inclusão das tecnologias no âmbito educacional requer novos estilos de aprender, novas propostas pedagógicas. Sugerem como uma alternativa para a prática educacional, a pesquisa cooperativa.

3.1. Paradigmas EAD

O que são paradigmas? Aborda-se este tema, mas antes, precisamos entender o real significado da palavra Paradigma. Conforme Peters (2002):

Como reflexões linguísticas são com muita frequência úteis, vamos começar com um exame etimológico do termo “paradigma”. É derivado da palavra paradigma do latim, que significa modelo ou exemplo: uma “mudança de paradigma na educação” poderia significar que na educação certos modelos ou padrões não existem mais por que novos modelos e padrões que diferem dos antigos de modo marcante os substituíram (PETERS: 2002, p. 48).

Também existe o significado latino para a palavra “paradigma” que é um exemplo, de acordo com que se pode declinar corretamente das palavras e conjugação dos verbos quando se estuda uma língua estrangeira. Assim, exigirá uma total reorientação da forma em que nos expressamos para esta outra língua, diferentemente da que estávamos acostumados a falar.

Nos primórdios, a educação era apenas oral e por este motivo a introdução das tecnologias revolucionaram também seus paradigmas, fazendo com que o processo de ensino e aprendizagem sofresse uma transformação drástica, principalmente com o surgimento da mídia impressa que teve a maior contribuição para este fenômeno. Também a mídia Rádio e TV tiveram um grau de contribuição para esta transformação do processo de ensino e aprendizagem.

Hoje, podemos escolher a hora e o local em que queremos estudar e, o tempo que podemos disponibilizar sem que afete nossas tarefas e necessidades diárias. No entanto, há uma necessidade de nos atualizarmos constantemente, demandada pelos avanços crescentes das tecnologias para que consigamos

acompanhar e aprender a usar as informações, mediá-las e inclusive, manipularmos as ferramentas tecnológicas que nos trazem este bombardeio de informações através de um clique. Desta maneira, visamos o “aprender a aprender” em concordância com o atual e complexo sistema de Informação.

De acordo com o Conselho Internacional de Educação à Distância algumas mudanças de paradigma educacional foram detectadas no ano de 1996. Entre estas, Peters (2002) aponta que a educação continuada surgiu com a mudança de educação de crianças e adolescentes para a educação de adultos. Com o surgimento das universidades abertas, aumentou drasticamente o número de alunos, fazendo com que a educação exclusiva se transformasse em educação de massa. Operam-se mudanças de idade, *status*, estado civil e familiar do estudante. Ocorre também uma modificação de instituição de ensino autônoma para a cooperativa e projetos públicos e privados passam a ser supervalorizados. Desenharam-se mudanças de ênfases nos objetivos da educação. De educação geral e completa transforma-se em uma educação mais específica e especializada para atender as necessidades profissionais.

Desta maneira, o que antes era visto como uma preparação para carreira profissional passou a ser um trunfo para a sobrevivência social do indivíduo. Em relação aos bens de produção, que são o setor primário ou agrário; o secundário ou industrial e o terciário, ou de serviços e informação, houve uma inversão de valores; sendo que o último passou a ser central. A educação está assumindo um novo grau de importância, pois produz recursos mentais e aumenta o valor do capital humano.

Anteriormente, a educação era mais de utilidade pública, hoje, porém, a indústria se encarrega de financiá-la, pois as empresas estão lucrando com ela. Outra mudança que também aconteceu na forma de olhar a educação diz Peters (2002), é que os conceitos empresariais têm se difundido no meio acadêmico e os alunos se tornam consumidores de educação.

Os alunos estão se tornando “consumidores”. Por conseguinte espera-se que os professores sejam “amigáveis com os consumidores” e que busquem a “satisfação dos consumidores”. O ensino já foi uma cerimônia sagrada, se transformou em uma mercadoria que pode ser vendida a fim de fazer mais dinheiro. O que é ainda pior, as universidades são avaliadas empiricamente a fim de descobrir se o investimento financeiro corresponde à produção de graduandos (PETERS, 2002, p.53).

Desta forma, destacam-se que atualmente, grandes companhias industriais já estão criando suas próprias universidades para suprir as suas demandas.

Todas estas mudanças se mesclam e difundem insegurança na atual sociedade. Este é um dos motivos pelo qual Peters (2002) ressalta a urgência de pensar o impensável, modificando-se o panorama no qual a educação tradicional em prédios escolares e em salas de aula, onde o professor é o centro do saber e apenas repassa o conhecimento ao aluno, não pode mais dar conta das tarefas educacionais que estão pela frente. Isto quer dizer que o ensino universitário terá que ser reorganizado para que funcione de forma mais flexível, variável, conveniente e barata e, nem por isto, perder sua qualidade.

Utilizamo-nos da concepção epistemológica – o construtivismo de Jean Piaget- teoria que se preocupou com o como o sujeito constrói o seu conhecimento. O construtivismo surgiu reformulando os paradigmas do empirismo e do apriorismo, que se baseavam no ensinar. Piaget afirma que o conhecimento é o resultado da interação entre o sujeito e objeto e para tanto, considera como requisitos quatro fatores: o biológico (maturação nervosa); as experiências físicas; as trocas sociais e a equilibração. Neste

processo o sujeito é ativo e construtor do seu conhecimento; ou seja, impõe o conceito de educar (CORBELLINI, 2012, p.02).

De acordo com Corbellini (2012) a aprendizagem é uma construção contínua e permanente pelo fato de o saber, atualizar-se constantemente, assim nós também teremos que atualizar o nosso aprender para podermos acompanhar as tendências e as principais exigências de transformação do processo de ensino e aprendizagem.

A aprendizagem, como refere à epistemologia genética, é uma construção. Realiza-se a cada momento, de forma contínua e permanente e, engloba o cognitivo, o afetivo e o moral. O aprender é construir o seu próprio sentido e não repetir o saber do outro. Uma das metas do educar deve ser o desenvolvimento integral do ser humano; isto implica em não atuar como um limitador, mas como uma mola propulsora neste processo, constituindo e se constituindo, numa evolução constante; ou, nas palavras de Piaget, numa espiral contínua (CORBELLINI, 2012, p. 06).

A autora enfatiza a importância da inclusão da cooperação na educação e salienta que a EAD traz em seu bojo, a necessidade de novas formas de aprender, causada, entre outras, pelas informações ilimitadas que estão ao nosso alcance, com apenas um teclar.

A EAD hoje já está voltada para os mais diversos tipos de alunos e por esta razão devemos estar preparados para este evento de educação em massa que aponta nos horizontes. Neste contexto, Corbellini (2012) chama a atenção para a necessidade de uma constante atualização do nosso aprendizado para que consigamos realmente acompanhar, nos adequar e aprender neste complexo sistema de crescimento cognitivo.

Muito se fala em educação continuada, ou em educação permanente. Não seria atualização permanente? Somos educados desde o nascer. Adquirimos um arquivo de conhecimentos, constituímos uma personalidade, um caráter e esses fazem parte de nós, ou “é” nós. Desta forma, o que estamos constantemente fazendo e refazendo é nos atualizando. E isto, por

mais que corramos, dificilmente conseguiremos dar conta de tudo o que nos cerca, nos encontramos, cada vez mais, limitadas frente ao que se vislumbra no teclar de um botão (CORBELLINI, 2012, p.04).

E para isto, segundo Peters (2002), é muito importante que as novas mídias para a informação e comunicação estejam disponíveis para projetar, planejar e desenvolver as variadas formas de ensino e aprendizagem. Com o advento das tecnologias, a forma de ensino praticamente expositiva onde os professores planejam, organizam e repassam a informação para o aluno totalmente receptivo será drasticamente reduzida e abrir-se-ão novas perspectivas, nas quais os alunos serão obrigados a desenvolverem sua capacidade de estudar sozinhos e se tornarem autônomos, desenvolvendo e gerenciando dados, de acordo com as fontes norteadoras, focando assim, mais a produção e a necessidade de aprendizado do aluno.

3.2. Perspectivas

Grande parte das instituições de ensino usufrui de mídias de informação e educação altamente eficazes e de fácil acesso. Por esta razão, já sentimos fortes mudanças de paradigmas em todos os âmbitos da educação, como a entrada avassaladora da Educação à Distância, com a revolução digital nesta era da informação. Cardim (2012) nos alerta para uma situação complexa do ensino e aprendizagem à distância em tempos onde tudo acontece de forma muito rápida.

A EAD surge como salvadora e ao mesmo tempo como vilã para algumas situações de ensino. Questiona-se a qualidade do ensino a distância,

embora os altos índices de reprovação e as estatísticas oficiais como a do IDEB condenem o ensino presencial. A dinâmica da televisão e da internet faz com que as aulas tradicionais sejam monótonas, uma vez que não compartilham das frequentes mudanças do dia a dia e do ritmo frenético dos acontecimentos (CARDIM, 2012 p.04).

Hoje, já existem possibilidades de escolhas devido à maior variedade de cursos. Os alunos já vêm interagindo de forma mais segura com a tecnologia que lhes é apresentada, como também são vislumbrados trabalhos cooperativos demonstrando-nos que a era tecnológica veio para ficar e por esta razão, Corbellini (2012) aborda a necessidade de atualização permanente, do aprender a aprender e da inclusão da prática cooperativa nos ambientes virtuais de aprendizagem.

De acordo com Peters (2002), as aulas na modalidade à distância são planejadas com maior praticidade e precisão, com acompanhamentos gráficos e sonoros, com várias formas de apresentação, texto, vídeo, som, imagem e animação.

Além disso, apresentam maior e melhor interatividade com o conteúdo, os professores e, inclusive de maneira rápida e fácil dos estudantes entre si. Estas melhorias estão moldando uma nova forma de fazer o ensino e aprendizagem para a sociedade do conhecimento que adentramos. No entanto, ainda temos algumas dificuldades em trazer estratégias de aprendizagem *online* na EAD, como implantando elementos de aprendizagem informatizada nos cursos convencionais EAD com elementos didáticos específicos para esta modalidade, como por exemplo, os livros didáticos nas bibliotecas virtuais, web aulas via conferências, os fóruns e listas de discussões, entre outros.

O professor, segundo Carvalho (2007), segue com seu papel imprescindível de mediador e colaborador nesta modalidade de ensino.

O papel do professor na modalidade a distância é essencial para o sucesso da aprendizagem do aluno. Independente do papel que esteja exercendo em determinado momento, motivador, autor, gerenciador de ambiente, etc. o conjunto de suas ações determinará a qualidade e o sucesso do curso. A modalidade, por sua própria estrutura, incentiva o aluno a desenvolver sua autonomia, ser independente, responsável por sua própria aprendizagem. Estas competências aumentam o nível de exigência destes alunos desencadeando um processo contínuo de busca pela melhoria da qualidade e novas estratégias de aprendizagem. A compreensão da importância dos papéis múltiplos exercidos pelos professores na EAD poderá abrir um espaço para revermos as estruturas implementadas até o momento (CARVALHO, 2007, p.10).

Podemos testemunhar mudanças, ocasionadas por forças econômicas, sociais e mesmo tecnológicas que têm influenciado fortemente o atual processo de ensino e aprendizagem, afetando também as universidades convencionais que começaram a se engajar no aprendizado digital. Acredita Peters (2002), que desta forma, será possível uma convergência dos métodos das universidades convencionais e das universidades de ensino à distância.

A universidade do futuro usará e integrará uma grande quantidade de formas de apresentação, face a face, a distância e informatizada, e irá assim desenvolver novas configurações pedagógicas que não se parecerão mais com as formas tradicionais de ensino. Esta universidade estará aberta para adultos mais jovens, assim como para adultos mais velhos que serão capazes de começar, interromper, continuar e terminar seus estudos quando lhes for conveniente. Não terão de estar presentes nestas universidades o tempo todo, talvez apenas por períodos mais curtos. Estas universidades do futuro serão também variáveis, adaptáveis e flexíveis o suficiente para fornecer programas sob medida para todos os tipos de estudantes de graduação e pós-graduação, assim como para pessoas que quiserem continuar sua formação de terceiro grau (PETERS, 2002 p.65).

Essa previsão de Peters (2002) já faz parte da realidade de muitas escolas, inclusive a educação de massa, vem ganhando força através da demanda dos mais variados perfis de alunos pela educação à distância. E, esta visão de universidade

do futuro nos mostra a previsão de mudanças de paradigmas educacionais, na qual os professores terão que ser agentes ativos nestas mudanças, representando o papel de protetores dos alunos contra as forças tecnológicas, que levam muito longe a mecanização da educação somente para ter mais lucro. Importante permanecer alertas para que o exagero do entusiasmo tecnológico não afete o senso humano do processo de ensino e aprendizagem tornando-se prejudicial para a educação.

Por esta razão, Moore (1998) afirma que o fenômeno da tecnologia da informação e comunicação digital está provocando inquietude, tanto nos professores quanto nos alunos. Acontece que o que antes era realizado no contato direto de professor com aluno, agora, existe um artefato entre os dois, que de certa forma esfria a relação professor/aluno no atual processo de ensino e aprendizagem. Cita o autor, a título de exemplo, dos alunos poderem acreditar que os cursos de educação à distância são mais fáceis e que exigem menos dedicação que o estudo convencional e acabarem descontentes.

Os alunos muitas vezes supõem que os cursos de educação a distância serão de qualidade inferior à dos oferecidos em sala de aula e, portanto, evitarão fazê-los. Os alunos frequentemente não compreendem que precisam assumir uma grande responsabilidade por seu aprendizado em um curso de educação a distância e não esperar que o instrutor ou orientador os conduza. Esse tipo de incompreensão faz com que os alunos fiquem pra trás e se tornem insatisfeitos (MOORE, 1998 p. 190).

Conforme Moore (1998) outro fator primordial para o aluno neste sistema de ensino é saber usar a tecnologia, pois do contrário o ensino e aprendizagem também será afetado. Através de pesquisa feita pelo autor há indicativos de três causas de insatisfação e resistência à EAD que são: a falha na elaboração do curso

e incompetência do professor; expectativas erradas por parte dos alunos e tecnologia inadequada ou falta de habilidade para usar a tecnologia corretamente.

Na visão de Peters (2002), alunos e professores agora são forçados a rever os paradigmas pedagógicos no ensino e aprendizagem à distância.

Os alunos têm que desenvolver, se acostumar e até mesmo internalizar nova abordagem por que têm que organizar a aprendizagem independentemente e têm que assumir para si muitas responsabilidades que antes eram dos professores. Têm que ser ativos não apenas ao executar suas tarefas de aprender, mas também interpretar e refletir criticamente sobre o que estão fazendo quando aprendem. De outra forma não podem jamais melhorar a aprendizagem sem intervenção externa. Se não forem ativos nada acontecerá. Adultos que trabalham e têm família podem prontamente assumir a responsabilidade, mas muitos vão achar difícil manter-se motivados para uma mudança de tal natureza no comportamento de aprendizagem. Os professores têm que planejar tudo muito cuidadosamente com antecedência por que têm que construir os artefatos mencionados acima, têm que ser capazes de realizar as funções de ensino necessárias. Mais tarde, no processo, têm que se manter informados e ficar totalmente conscientes do que está acontecendo no processo de ensino e aprendizagem, na qual possivelmente milhares de alunos estão envolvidos. Têm que conseguir dados relevantes sobre o progresso deste processo e avaliá-lo constantemente. Hoje em dia espera-se que apresentem parte dos conteúdos, por exemplo, sob forma de hipertexto e hipermídia. Devem estar motivados e até ansiosos para ajudar os alunos a se tornarem independentes (PETERS, 2002 p. 72).

Neste contexto, Peters (2002) apresenta as transformações necessárias para acompanharmos de forma construtiva a inovação tecnológica e as mudanças de visão pedagógica neste novo ambiente de aprendizagem. Professores e alunos se confrontarão com novos critérios e estratégias propostas pelas oportunidades de aprendizagem *online*.

Hoje a rede de computadores já é vista como uma inovação e contribuição significativa para a reforma do ensino e aprendizagem, pois proporcionam maior agilidade e flexibilidade às mudanças.

Segundo Peters (2002), o sistema EAD que antes isolava o aluno na sua construção de conhecimento, agora, através da sociedade em rede, já pode ser reduzido consideravelmente por meio de formas de comunicação e cooperação com a disponibilização de fóruns e chats. Este já é um resultado de que a própria pedagogia EAD está sofrendo constantes transformações, isto é, a modalidade EAD está sendo adaptada para que a construção de conhecimento *online* seja mais participativa e cooperativa e atenda da melhor forma possível às necessidades do processo de ensino e aprendizagem moldados por nossa atual sociedade.

O autor versa sobre os critérios da EAD que devem ser analisados neste novo campo de trabalho:

O papel representado pelas redes de computador no futuro ocupou um grande número de autores nas últimas décadas, inclusive muitos eruditos. Este tópico foi comum por todo o período. Se reunirmos suas afirmações, obteremos uma vasta gama de insights detalhados dos desenvolvimentos que foram profetizados. A rede em princípio não é vista como um meio de comunicação que seria simplesmente acrescentado às mídias convencionais, mas como uma configuração técnica que atrai a atenção por causa de seus efeitos particulares sobre o ensino e a aprendizagem por que inspira fantasias pedagógicas. Alguns autores se irritam com ela, outros ficam entusiasmados. De fato o que estes autores predizem deveria impressionar cada especialista na teoria da educação e planejador instrucional que gosta de reformas. A variedade de possibilidades heterodoxas para sua utilização mostrada nestas predições e de seus efeitos inovadores sobre a aprendizagem é avassaladora. Alega-se que redes de computadores terão “impacto de grande alcance” sobre o sistema educacional. Se observarmos em particular a área de ensino e aprendizagem, aos computadores é imputado o “papel de máquina universal com a qual os problemas das políticas pedagógica, organizacional e educacional podem ser resolvidos” (PETERS, 2002 p.88).

Baseado na premissa de reforma, Peters (2002) reforça a necessidade de reforma educacional e pedagógica que a sociedade em rede causa sobre o ensino e a aprendizagem. De acordo com o autor, os computadores servem como “máquina

universal”, ferramenta básica no dia-a-dia do indivíduo e, será usada para as funções de distribuir conteúdos didáticos através da rede; para trabalhar exercícios, tarefas e trabalhos com material didático multimídia (links, CD, pendrive, rede, etc.), softwares de aprendizagem, serviços síncronos (vídeo-conferências, chats), assíncronos (email, fóruns, wikis).

A aplicação destes processos nos oferece uma grande gama de formas de aprendizagem social e cooperativa diversificada, relacionada a aventuras, experiências e problemas divididos e solucionados em rede. A mudança também compromete o papel do professor neste atual sistema de ensino e aprendizagem que é vista sob duas formas de visionários especialistas, como nos fala Peters:

Refletindo em nível mais alto, fazem referência à mediatização do ensino e aprendizagem como mais uma consequência do uso de redes de computador e ela é vista como particularmente séria. Esta mediatização é imaginada tanto de forma moderada como radical. Em formas moderadas, as redes servem apenas para suplementar e enriquecer as formas convencionais de ensino e aprendizagem. São um aditivo que pode ser deixado de fora se necessário. A mediatização radical, por outro lado, é “destruidora” e leva a dissolução de formas convencionais de ensino e aprendizagem, o que, no entanto, pode em si levar à reestruturação criativa dessas formas de cenários de aprendizagem totalmente novos (PETERS, 2002 p. 90).

Por este motivo, Peters (2002), aponta para a desinstitucionalização da educação, ocorrendo na forma de universidades abertas, comunidades virtuais de aprendizagem e; na privatização e comercialização da educação, inclusive a individualização da aprendizagem relacionada aos aspectos logísticos.

Dentre isto, uma das vantagens logísticas que se apresenta é a possibilidade do aluno determinar o seu horário, tempo e local de aprendizagem através da educação *online*.

Requer-se também, transformações profundas do método de ensino expositivo e da imagem central do professor, como autoridade máxima na mediação do conhecimento.

Observa-se que muitos estudantes e professores ainda preferem o sistema de ensino presencial, no qual o ensino expositivo e a aprendizagem totalmente receptiva predominam.

Salienta-se que, para a modalidade à distância não recair no mesmo paradigma, é necessário existir um sistema para trocas informais na aprendizagem *online* que propicie o estabelecimento de um vínculo maior entre aluno/professor/aluno.

Em relação a prognósticos da aprendizagem *online* Peters no ano de 2002 previu e abordou alguns resultados:

O estudo tende na direção da precaução quanto aos prognósticos macro pedagógicos também. Quando questionados em que medida a aprendizagem online terá substituído a aprendizagem tradicional no ano de 2010, quase metade afirmou que ela não substituiria absolutamente a instrução tradicional (10,1 por cento) ou no máximo em até dez por cento (37,6 por cento). Dos que foram consultados, 36,7 acreditam que podem ser 25 por cento da instrução. E apenas 8,3 por cento deles acreditam que a parcela de aprendizagem online poderia ser mais alta (PETERS, 2002 p.96).

Nesta abordagem, Peters (2002) apresenta dados que a educação *online* está se ampliando e ocupando espaços. Isto já pode ser vislumbrado com o advento das mais diversas formas e tipos de universidades virtuais presentes no atual sistema pedagógico. Entretanto, salientamos que ambas possuem o seu espaço e a sua validade e, não são excludentes. Cada qual possui as suas especificidades e atinge

a um determinado público, ou seja, cada qual, responde a uma demanda e a um perfil de aluno.

4. EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

A demanda por esta modalidade de ensino é uma das maiores consequências positivas que a EAD traz para a educação contemporânea. De acordo com Peters (2002) a demanda por esta modalidade também vem aumentando, conforme apontam os debates nas Conferências mundiais do ICCE que reúnem especialistas do mundo inteiro para discutirem a educação por correspondência.

Mas existe também outro indicador impressionante deste novo interesse, o número crescente de profissionais e especialistas participando das conferências mundiais do International Council on Correspondence Education (Conselho Internacional de Educação por Correspondência). Em 1965, um grupo relativamente pequeno participou da conferência do ICCE. Apenas 80 participantes se reuniram e eles eram principalmente australianos, americanos, canadenses e pela primeira vez, três ou quatro japoneses. Estas conferências aconteciam de quatro em quatro anos, nos anos 1970 e 1980, no entanto o grupo de participantes foi ficando cada vez maior. Na vigésima conferência mundial do ICCE em Dusseldorf, Alemanha, em 2001, mais de 1.200 especialistas de 85 países haviam se inscrito (PETERS, 2002 p. 34).

Na atualidade as coisas acontecem de forma muito rápida. O que hoje é novidade amanhã já estará ultrapassado. Desta forma, a referência é a sociedade da informação, da qual fazemos parte. As evoluções são uma constante e toda esta transformação precisa ser acompanhada pelo indivíduo para que ele consiga se manter nesta constante mutação de processamento de informação e também mercadológica.

Conforme Peters (2002), a demanda mais crescente pela modalidade de ensino à distância está relacionada ao número de alunos que vem aumentando de forma impressionante e, tornando-se o fenômeno mais importante para a educação superior e seu desenvolvimento. Este fenômeno deve ser reconhecido e levado em conta, principalmente quando tentamos imaginar como deverá ser a Universidade do futuro.

Lembra-nos Peters (2002) que as EAD estão moldando as formas da educação superior, observando em primeiro lugar a necessidade de educação superior para aqueles que trabalham e precisam conciliar seus trabalhos com estudos; em segundo, a educação profissional pode ser um complemento para o trabalhador aliando o seu trabalho ao conhecimento; em terceiro, o número de graduandos das universidades EAD pode ser aumentado conforme a demanda; e em quarto lugar, a relação entre custo e benefício de uma graduação tem melhorado visivelmente.

O ser humano está se conscientizando que o poder do conhecimento está em ascensão, através das facilidades da internet e da alta velocidade de troca de informações. Já temos tudo para sermos classificados como a sociedade do conhecimento, na qual a troca de informações acontece em tempo real, independentemente da distância física existente.

Salienta-se que estes métodos de disseminação da informação já são realidade em grande parte do mundo e que a modalidade de Educação à Distância surgiu para facilitar a inclusão dos alunos.

De acordo com Peters (2002) estamos atravessando uma revolução pedagógica na Educação à Distância em consequência do uso crescente de ambientes

informatizados de aprendizagem e em rede. A velocidade dos acontecimentos em rede impõe avanços rápidos, imprevistos e inacreditáveis das tecnologias da informação e comunicação. A aprendizagem *online* nos oferece os meios de lidarmos com as novas exigências sociais, novos objetivos educacionais, como também novos grupos de estudantes, transformando rapidamente os processos educacionais.

As condições mais notáveis são o aparecimento do aluno adulto e trabalhador, a aprendizagem aberta e o grande número de alunos entre vários estilos: alunos com preparação precária, comercialismo, globalização e competição com outros provedores de recursos intelectuais. Todas estas condições oferecem estratégias pedagógicas ricas, teóricas ou práticas. Este caminho da educação *online* já está próximo da educação presencial em tempo real, pois oferece recursos síncronos de interação entre professor e aluno cada vez mais sofisticados. Além disso, pontua-se que, a grande tendência agora é para as atividades grupais sob a forma de hipertextos interativos, colaborativos que promovam a aquisição de saberes coletivos e vem de acordo à concepção epistemológica construtivista transformando o aluno em principal ator da sua construção cognitiva.

Questiona-se atualmente se os modelos de transmissão de conhecimento do atual processo de ensino e aprendizagem são eficazes ao ponto de propiciar ao indivíduo uma sólida e permanente formação dentro de um sistema cada vez mais exigente e competitivo no qual vivemos hoje. Essa questão abrange o desenvolvimento cognitivo, social, humanitário e também a preparação do indivíduo para o mercado de trabalho.

Afirma Peters (2002) que na história da Educação à Distância houve três períodos significativos aonde um superou o outro em suas funções em relação aos sistemas educacionais vigentes.

A instrução por correspondência, que acompanhou a industrialização do trabalho, preenchendo lacunas e compensando as deficiências do sistema educacional, especialmente no treinamento profissional, e facilitando o primeiro curso alternativo (um segundo) para a preparação na entrada da faculdade. A educação a distância nos anos de 1970, 1980 e 1990, que ajudou as universidades nos países em desenvolvimento a canalizarem um crescente número de alunos que não completaram o segundo grau para a educação superior. Não apenas expandiu a capacidade das universidades como também desenvolveu novas formas de combinação de trabalho e estudo, introduziu estudos universitários regulares na educação de adultos e inspirou e efetuou importantes inovações pedagógicas. A educação a distância informatizada, que nos permite reagir e lidar com as principais mudanças sociais mencionadas. Isso representa o maior desafio do futuro (PETERS, 2002 p. 46).

Hoje, a EAD está valorizada, por ajudar-nos no difícil processo de romper com a tradição, planejando algo inovador e mais relevante para a sociedade da informação.

4.1. Ambientes Virtuais de Aprendizagem - Novas Oportunidades

A modalidade presencial de ensino e aprendizagem é constituinte de nosso processo educativo. Na educação presencial e à distância, o professor pode ocupar três posições, sendo que essas são conforme a sua concepção epistemológica: empirista, apriorista ou construtivista.

Corbellini e Real (2012) explicam as diferentes concepções epistemológicas, nas quais o professor pode atuar.

Conforme a epistemologia genética, o conhecimento não pode ser acatado como predeterminado a partir do nascimento como na teoria inatista e, também não é resultado apenas de condicionamentos do meio como no empirismo. Segundo a epistemologia genética o conhecimento resulta das ações e das interações do sujeito com o ambiente em que vive. Todo o conhecimento é uma construção que vai sendo feita desde a infância via interação sujeito e objetos que ele busca conhecer, sendo esses do mundo físico, ou cultural (CORBELLINI e REAL, 2012, p. 03).

De acordo com as autoras, a pesquisa cooperativa é uma forma epistemológica viável e uma atividade investigativa diante do desconhecido e dos limites que a sociedade e a natureza nos impõem, exigindo métodos, técnicas e análises científicas para delimitar o desconhecido.

Carvalho (2007) aborda a necessidade da presença do professor na dinâmica da aprendizagem *online* para a aquisição de habilidades e competências, permeando assim, a construção de conhecimento do aluno EAD.

De acordo com Peters (2002) a sociedade do conhecimento e da aprendizagem requer uma nova forma de aprendizagem, com estudantes que tenham iniciativa para criar, planejar, programar e controlar o que eles mesmos aprendem. E, o professor passa a ser um assessor, facilitador, orientador e conselheiro do aluno que administra o seu próprio aprendizado.

As novas situações pedagógicas são fato e a não aceitação imediata a este sistema de ensino também é natural da própria natureza humana. Os nossos pensamentos e ações gostam de permanecer no chão, com coisas familiares. As novas oportunidades, enquanto não bem conhecidas, costumamos rejeitá-las. Ou, nas palavras de Peters:

As primeiras cabines e vagões dos trens eram projetados para se parecerem com carruagens tradicionais, por que na época as pessoas ainda não conseguiam compreender as novas oportunidades que a tecnologia da máquina a vapor e do motor movido a gasolina descortinava para elas. Com a aprendizagem digital nos confrontamos com um problema semelhante. Oportunidades completamente desconhecidas baseadas nas tecnologias do computador, da mídia, da rede e do hipertexto/hipermídia estão sendo disponibilizados. Uma delas é o desenvolvimento intensificado da aprendizagem autônoma, como aprendizagem autoplanejada, auto-organizada e automontada (PETERS, 2002 p.114).

Com esta afirmação podemos compreender muitas situações impactantes em nossa evolução humana, inclusive da abordagem pedagógica digital no nosso processo de ensino e aprendizagem.

Apesar de o ambiente virtual de aprendizagem ainda estar em fase de aceitação da sociedade, Peters (2002) nos apresenta probabilidades satisfatórias.

[...] trabalhamos apenas com um único livro que poderemos “carregar” com os conteúdos de que necessitamos em dado momento. Como resultado da organização em rede de ambientes de aprendizagem, todo o cosmo de informações se desenvolverá, incluindo conteúdos didáticos e estoques de conhecimento, que estudantes autônomos podem disponibilizar por si mesmos, passo a passo, fazendo o download do que precisam em seus próprios discos rígidos, imprimindo e examinando textos (PETERS, 2002 p.115).

Conforme Peters (2002), na história nunca houve uma situação de partida mais favorável para a aprendizagem independente e automática.

4.1.1. Os Três Diferentes Campos da Aprendizagem Virtual

Peters (2002) refere-se à existência de três campos distintos de aprendizagem que são encontrados nos ambientes de aprendizagem virtual: aprendizagem em hipertexto, a baseada em rede e aprendizagem via comunicação virtual.

De acordo com o autor um hipertexto é formado por blocos de textos que são unidades cognitivas, na qual o aluno é forçado a encontrar por si só o ponto de partida na construção de seu aprendizado. Sob esta forma de aprendizado encontramos a ruptura de um grande paradigma do processo de ensino e aprendizagem tradicional, o que era promovido de forma linear e sequências fixas, passa a ser um processo não linear e não sequencial.

Assim, Peters (2002) define que, um tipo completamente diferente de aprendizagem está sendo criado, o qual não tem por objetivo alvos declarados e definidos e que não podem ser testados por um padrão de testes. Considera essa abordagem interessante por ela permitir que novos elementos de comportamentos de aprendizagens possam se tornar fundamentais para o aluno autônomo.

O segundo campo de aprendizagem conforme Peters (2002) refere-se à aprendizagem *online* encontrada através de redes como *www*. Estas oferecem oportunidades e chances ainda maiores para a aprendizagem autônoma, pois se encontra ali um meio rápido de disponibilização dos conteúdos de aprendizagem que encorajam os alunos a pesquisar o que lhes desperta o interesse para a construção do seu conhecimento. Este é o caminho mais prático para o estudante: escolher os assuntos, selecionar e definir os objetivos para desenvolver seu

aprendizado, mas corre o risco de não conseguir delimitar os seus estudos, devido à amplitude das informações.

O terceiro campo, e para o autor, o mais interativo de todos, promove a comunicação através de computadores, ou seja, o aluno se comunica com seus professores e colegas, interagindo por forma de e-mails, chats, videoconferências, fóruns etc. O *feedback* dos aprendizes virtuais pode surtir um efeito muito positivo e uma forma muito atraente de construção de conhecimento autodirigida e também responsável.

A forma de aprendizagem autônoma sendo desenvolvida aqui deixa o ensino expositivo e a aprendizagem receptiva muito para trás, e os substitui por realizações independentes. O novo comportamento de aprendizagem se manifesta na busca, na avaliação e na aplicação de informações adequadas e em cuidadosa comunicação por (escrito) e cooperação. A semelhança com aprender fazendo pesquisa com o trabalho acadêmico em geral é estarrecedora (PETERS, 2002 p. 121).

Desta forma, o autor afirma que o ambiente informatizado de aprendizagem permite uma maior variabilidade de formas e conteúdos para os estudantes autônomos usarem plenamente. Além disso, que os ambientes de aprendizagens virtuais também proporcionam novas oportunidades e chances, não apenas de aprendizagem heterônoma como, a autônoma. Nesta abordagem de ensino, conteúdos didáticos multimídia podem ser oferecidos em uma base multissensorial que permite uma superposição precisa e detalhada de estímulos, além de intermediar uma percepção sensorial fortalecida. Com a aprendizagem autônoma os estudantes são levados a uma ágil relação interativa com todos os tipos de informação, aumentando assim a acessibilidade às descobertas da pesquisa científica e, da mesma forma, os programas didáticos acadêmicos armazenados.

Para Peters (2002) aprender por meio da descoberta e pesquisa científica pode se tornar o principal paradigma do ensino acadêmico. Ele argumenta sobre a importância de fugirmos da pedagogia da instrução e implantarmos uma pedagogia de capacitação em seu lugar e defende que a reestruturação pedagógica no ensino à distância é profunda e extensa. Requer uma forma extraordinariamente aberta, flexível e onde a variável de ensino e aprendizagem se ajuste às necessidades e ao perfil dos alunos.

4.1.2. Aprendizagem Autônoma ou Autorregulada

Peters (2002) enfatiza a importância da aprendizagem autônoma ou autorregulada sobre o papel do professor e aluno. Ele acredita que esta forma de aprendizagem coloca o aluno em primeiro plano. Nela, os alunos serão capazes de planejar, organizar controlar e avaliar o próprio trabalho e os professores exercerão as funções de mentores, mediadores e orientadores. A aprendizagem autônoma ou autorregulada propõe ao aluno várias formas de aprendizagem, como por exemplo, aprender por exploração através do hipertexto e da hipermídia, cujos caminhos para a aprendizagem são prescritos no sentido de turnês guiadas e o controle dos estudantes fica patentemente óbvio. Este procedimento exige dos alunos, um bom número de técnicas para exploração de navegação na internet. É um processo inovador com aprendizagem ativa, construtiva e contextualizada.

No entanto, adverte-nos sobre as desvantagens do estudo independente, apontando que os alunos que não possuem experiência com aprendizagens em

hipertexto podem não conseguir dar conta, seja por perder o rumo, ou pelo fato de recolherem informações em excesso, ao que ele denomina de “sobrecarga cognitiva”. Da mesma forma, os professores precisam adequar-se às novas demandas, lidando com novos problemas, criando ambientes de aprendizagem que produzam aprendizagem autoiniciada e autocontrolada.

As desvantagens da independência, tão pesadamente enfatizada na aprendizagem em hipertexto, são percebidas acima de tudo se os alunos não têm experiência nem uma rotina. Podem facilmente perder o rumo neste espaço ou recolher informações demais de uma vez só (sobrecarga cognitiva). Os professores também têm que lidar com problemas inusitados. O problema para eles não é apresentar articuladamente conteúdos definidos, e daí ensinar, mas criar ambientes especiais de aprendizagem com a ajuda de hipertexto e hipermídia que provoquem aprendizagem autoiniciada e autocontrolada (PETERS, 2002 p. 172).

Carvalho (2007) sinaliza para outro tipo de desvantagem que é a prática imediatista de conciliar trabalho com estudo e a ideia errônea do aluno optar pela modalidade de ensino à distância por achar que é mais fácil do que o ensino convencional.

O aluno busca na flexibilidade da Educação a Distância encontrar uma solução imediata para conciliar seu trabalho e demais afazeres com o estudo. Acredita que realizar um curso na modalidade a distância será mais fácil do que no ensino presencial regular e imagina que a tecnologia será um importante aliado no desenvolvimento de sua aprendizagem. O maior problema neste momento é que, independente das expectativas criadas por este aluno, sua história escolar é dentro de uma escola tradicional, com todos os elementos característicos de um padrão fordista de produção, onde a ênfase estava centrada nos processos mecânicos de memorização, repetição e padronização. Não existe no histórico deste aluno incentivo algum para a construção do conhecimento crítico e autônomo. Ao se deparar com a responsabilidade de sua própria aprendizagem, que inclui gerenciar a quantidade de tempo destinada aos estudos, a realização das atividades e o tom das relações com os tutores/professores, invariavelmente o aluno leva algum tempo confuso, com muitas dificuldades no processo de adaptação. A tecnologia que supostamente deveria tornar-se uma ferramenta poderosa no desenvolvimento da aprendizagem pode virar um pesadelo para o aluno, que descobre rapidamente que interagir com o ambiente virtual não é tão lúdico quanto parecia a princípio (CARVALHO, 2007, p.2-3).

Peters (2002), por sua vez, atenta para a aprendizagem baseada em recursos e projetos, destacando que são formas de aprendizagem independente por exploração. Na aprendizagem por procura de informação, os alunos podem examinar seus computadores e suas mídias removíveis, bancos de dados, livros didáticos digitais, fóruns entre outros sistemas digitais já disponíveis. O espaço informatizado de informação é maior, mais amplo e profundo e mais variado do que a busca exaustiva nas bibliotecas tradicionais; além da vantagem de os usuários não precisarem se deslocar de suas casas para buscarem estas informações.

Outra forma, segundo Peters (2002) é aprender armazenando e gerenciando informações e desta maneira, coloca-se o aprendiz em um ambiente informatizado de aprendizagem. Neste estilo, o aluno pode selecionar a informação em um estalar de dedos, praticar, aprender, retê-la, aplicá-la e evocá-la, guardando-a e expandindo continuamente a sua construção de conhecimento.

Além dessas, o autor aborda o aprender por comunicação. As palestras, debates, entre outras, que são componentes tradicionais de diversas formas de ensino e aprendizagem universitárias e acadêmicas já estão perdendo espaço para o ambiente informatizado de aprendizagem no espaço de comunicação. Do ponto de vista técnico, a viabilidade de serem em qualquer lugar e a qualquer hora, a exemplo dos domínios multiusuário, web conferências, e-mails, chats, etc. tornou-se um facilitador do aprender por comunicação.

Diz Peters (2002) que as conferências por computador nos proporcionam um sistema de referência para discussões mais longas no processo de ensino e

aprendizagem, permitindo que cada aluno resolva as suas dúvidas colaborativamente. E, salienta o autor que esse processo seja coerente com a concepção epistemológica construtivista, na qual o aluno constrói o seu conhecimento, como um verdadeiro cidadão. Refere à diferenciação necessária à concepção empirista, na qual o aluno é um receptor passivo do conhecimento do professor. A importância desse sistema, para a estrutura pedagógica e para a aprendizagem digitalizada, deve ser considerada como muito grande.

O aprender por colaboração, segundo o autor, utiliza as vantagens do trabalho em grupo e ajuda mútua na aprendizagem como, por exemplo, na solução de problemas e na transmissão de valores e padrões. No ambiente virtual de aprendizagem, o trabalho em grupo pode ter um efeito muito positivo sobre a motivação para aprender.

Estes modelos de aprendizagem, segundo Peters (2002), modificam o ensino e aprendizagem convencional e o adaptam às necessidades e circunstâncias da sociedade do conhecimento pós-industrial, pois eles moldam o perfil do aluno como autor central e responsável pelo próprio poder cognitivo.

De acordo com Becker (2001) o professor empirista, no seu imaginário, somente ele pode produzir algum conhecimento no aluno, acredita no mito da transferência do conhecimento e tudo o que o aluno tem que fazer é submeter-se à fala do professor, repetir, ler e escrever até aderir em sua mente tudo o que o professor deu.

O autor também fala do professor não diretivo, onde é um auxiliar, facilitador do aluno. Nesta concepção, o apriorismo, a crença é que o aluno já vem com o saber que ele precisa, tornando-se necessário apenas que se organize ou ainda, que recheie o conteúdo. No apriorismo, acredita-se que o ser humano já vem com uma bagagem hereditária, ou seja, já nasce com um potencial de conhecimento genético. Nesta abordagem o professor deixa o aluno construir o seu aprendizado interferindo o mínimo possível.

Na terceira concepção, o construtivismo, acredita-se que a construção do conhecimento se dá a partir da interação estabelecida entre sujeitos e objetos, com o contexto sociocultural em que se encontram inseridos. A aprendizagem ocorre através das ações que o sujeito pratica sobre os objetos. Ao professor compete promover conflitos cognitivos, propiciando desacomodações e novas assimilações e acomodações, num processo contínuo.

De acordo com Becker (2012) o professor acredita numa determinada epistemologia, ou seja, explicação ou crença da gênese e do desenvolvimento do conhecimento da qual ele não tomou consciência, e que nem por isto é menos eficaz.

5. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

De acordo com Peters (2002), logo teremos que nos acostumar com uma imagem diferente de nossos alunos. Os estudantes devem estar habilitados a serem capazes de estudar em um ambiente informatizado de aprendizagem. É preciso que eles tenham capacidade de tomar decisões e construam habilidade de aprender e organizar o seu conhecimento independentemente dos professores, através de metas e possibilidades concretas de aprendizagem, de forma independente. O autor ainda aborda que, o caminho que se percorre para estudar até as provas requer um planejamento cuidadoso e estratégico com técnicas específicas de aprendizagem que devem ser treinadas e adquiridas.

Azevedo (2005) por sua vez, defende um ambiente viabilizador para que este aluno realmente consiga construir este conhecimento.

No entanto, concluímos preliminarmente, que há necessidade de o sistema utilizado viabilizar tanto a aprendizagem quanto a interação, num espaço em que a construção do conhecimento favoreça a autonomia dos seus participantes, além, é claro, da atuação efetiva do professor-tutor (AZEVEDO, 2005, p.7)

Neste sentido, Azevedo (2005) salienta a necessidade de interação de aluno com aluno e professor via *chat*, fóruns, emails, webconferências, para que juntos consigam resolver uma situação e a enfrentarem um problema.

Em relação aos professores, Peters (2002) afirma que também serão afetados por amplas mudanças estruturais neste ambiente de ensino, no qual os alunos serão autônomos. Neste contexto, suas tarefas serão desde desenvolver sistemas de ensino não lineares em forma de hipertexto e hipermídia, atuar como mediadores em seminários, até organizar o suporte e o *design* dos ambientes virtuais de aprendizagem. Os professores poderão também reutilizar objetos de aprendizagem padronizados de acordo com o material didático-pedagógico.

Desta forma, para o autor o processo de ensino e aprendizagem não é mais vivenciado globalmente como uma unidade que consiste de espaço, tempo e interação social ritualizada. A contextualização da aprendizagem espacial e temporal se perderá. No mundo virtualizado, quando os alunos crescerem digitalmente, um novo mundo se descortinará para eles, no modo e na forma de lidar com a aprendizagem, alternando-a no espaço virtual e real.

Carvalho (2007), no entanto chama a atenção para uma construção de ensino e aprendizagem com real sucesso para o aluno EAD.

A questão mais inquietante é que a maior vantagem da Educação a Distância é também a razão do insucesso dos alunos. A flexibilidade propiciada pela metodologia, que é o principal atrativo para os alunos que almejam estudar em seu tempo livre ou não ter a obrigação de frequentar a sala de aula todos os dias, acaba por tornar-se o maior obstáculo no desenvolvimento da aprendizagem. A compressão espaço-tempo ou a redefinição destas duas categorias tão essenciais ao ser humano provoca uma dificuldade em lidar com o tempo (que sempre parece mais longo do

que é de fato) e com as distâncias (a não exigência presencial provoca o isolamento e sensação de abandono no aluno) (CARVALHO, 2007, p.3).

A autora aborda aqui a necessidade de uma administração de tempo do próprio aluno, no qual ele consiga assimilar o seu crescimento cognitivo a este novo ambiente de aprendizagem autônoma e responsável.

Peters (2002) salienta, sobretudo, que os espaços virtuais oferecem possibilidades que não são encontradas no mundo real como: a desinibição, a troca de gênero, o desenvolvimento de identidades, a construção e reconstrução do eu empírico serão fenômenos que surgirão em dimensões não exploradas de desenvolvimento da pessoa.

Azevedo (2005), no entanto, chama a atenção para a interação no processo de ensino e aprendizagem.

A interação, portanto, é um fator essencial no processo de ensino e de aprendizagem dos indivíduos. A possibilidade de aprender e interagir, não só com o professor, neste caso o tutor, mas também com os demais alunos do curso, enriquece a aprendizagem e favorece troca de experiências. Notamos também que os alunos sentem falta do contato da sala de aula. Ao reivindicarem um maior número de aulas presenciais, fica evidente que, embora esse estudante tenha optado por um curso semi-presencial, ele ainda carrega em sua concepção de educação o forte apego ao ensino presencial. Ou seja, constatamos que estes alunos não estão totalmente inseridos nessa modalidade de ensino. A EAD vem se modificando para que esse modelo de formação continuada proporcione ao aluno um ensino de qualidade, flexível e totalmente interativo, centrado na construção do conhecimento em ambientes virtuais. Até aqui, constatamos que algumas barreiras colocadas a EAD foram superadas. Contudo, entendemos que ainda se tem muito a fazer nesse sentido, principalmente em nosso país. Um país de tamanho territorial imenso e distribuição de renda notadamente desigual. Onde uma parcela pequena da população tem acesso a computadores e à Internet (AZEVEDO, 2005, p.5-6).

De acordo com o autor, devido à desigualdade social que o país ainda enfrenta, vários alunos não possuem computadores em suas casas e, desta forma,

procuram os polos EAD. Mas, de qualquer maneira, o ensino virtualizado pode ser considerado como um avanço no sistema educacional.

A Tecnologia da Informação trouxe-nos uma ruptura com o sistema tradicional de ensino e aprendizagem que, segundo Peters (2002) vem ocorrendo rapidamente. Isto se deve ao fato de que os avanços tecnológicos da Informação e Comunicação evoluíram rapidamente e foram adotados não só na educação, como na política, cultura, sociedade e no mercado global de trabalho.

Uma das dramáticas descobertas é a de que espaços virtuais de aprendizagem se prestam muito mais à aprendizagem autônoma e autoregulada do que o ensino nas salas de aula reais convencionais das faculdades. Isso significa que a educação de estudantes autoconfiantes que aprendem independentemente do professor- que, por sinal, é um objetivo educacional antigo, mas até agora ignorado frequentemente demais - agora tem uma chance real de realizar (PETERS, 2002, p.117).

Peters (2002) questiona quais medidas devem ser tomadas para que o aluno se torne autônomo, sendo que, na sua caminhada pedagógica, aprendeu como um aluno dependente? Para o autor, a aprendizagem autônoma deve encorajar e capacitar os alunos a avaliar eles próprios a sua aprendizagem. Neste caso, terão que ser desenvolvidas estratégias de autoaprendizagem, nas quais, a aprendizagem *online* requer a intensificação da aprendizagem autorregulada e verdadeiramente autônoma. Para o estudante acostumado com o ensino expositivo, o autor entende que, implica em mais trabalho para o aluno, mas que pode ser mais compensador.

Os estudantes acostumados com o ensino expositivo e a aprendizagem receptiva devem compreender o novo modelo de aprendizagem, que exige muito mais e implica muito mais trabalho, mas pode ser muito mais compensador. Isso significa que um processo de autoreflexão deve levar a uma mudança de atitude. Isso é uma pré-condição para uma redefinição de aprendizagem online. Este é um processo radical, já que a aprendizagem independente é o oposto da aprendizagem dependente.

Conseqüentemente, muitos elementos da estrutura pedagógica têm que ser modificados. É razoável que estudantes tradicionais devam ser motivados e apoiados quando começam a aprender desta forma, embora isso pareça um paradoxo. Além do mais, podem ser desafiados por tarefas que não induzem a receber, armazenar e produzir conteúdos, mas sim a definir eles mesmos objetivos de aprendizagem, a buscar, encontrar e avaliar eles mesmos informações que podem ser relevantes para resolver as tarefas de aprendizagem (PETERS, 2002, p. 119).

Peters (2002) defende que, quanto mais os estudantes aprendem a aprender, independentemente de seus professores, mais cumprem tarefas que tradicionalmente foram destes professores e adquirem habilidades e o hábito de observar e avaliar a sua própria aprendizagem. Quem aprende sozinho descobre, adquire e integra o novo conhecimento e, ao mesmo tempo, observa e controla o aprendizado, evitando assim, falsos pontos de partida, enganos, erros e possíveis interpretações enganosas.

Carvalho (2007) se opõe a esta ideia pelo fato de acreditar que a construção de saberes acontece de forma coletiva e colaborativa entre alunos professores e tutores, permitindo assim adquirir capacidades e habilidades cognitivas.

Por outro lado Azevedo (2005) ao se referir à distância física entre professor e aluno, salienta que o papel de professor mudou, porém a interação professor - aluno se mantém.

Assim, temos uma educação à distância que proporciona uma maior interação, comparada com os modelos anteriores de EAD, indo de encontro ao isolamento tão discutido e questionado pelos profissionais da educação. O papel do professor é modificado, mas a interação professor aluno permanece inalterada. O aluno poderá ter respostas imediatas, mesmo estando em um local diferente da sala de aula, ou até mesmo distante dos grandes centros urbanos. É relevante lembrar que essa interação ultrapassa a relação vertical professor-aluno, visto que os alunos poderão se comunicar e manter contato entre si, realizando os trabalhos solicitados pela Internet, criando assim um vínculo, ainda que virtual, promovendo a colaboração e cooperação entre os sujeitos envolvidos (AZEVEDO, 2005, p.3).

O autor nos lembra das constantes atualizações que sofre o mundo tecnológico, no qual é preciso acompanhar, pois só se constrói o conhecimento de forma satisfatória se soubermos dominar esta tecnologia e principalmente seus avanços.

Além disso, o fato de estar conectado a uma rede repleta de conhecimento faz com que o acesso às informações necessárias para a constante atualização, indispensável a qualquer carreira, seja feita de forma mais e prática dinâmica. A autonomia é outro fator importante promovido pela EAD. Como o aluno estuda na maioria do tempo sozinho, ele adquire uma autonomia diferenciada do ensino presencial, o que pode levá-lo também a uma maior concentração ao estudar. Ele se torna o protagonista do seu próprio aprendizado, em concordância com suas especificidades e seu ritmo individual (AZEVEDO, 2005, p.3).

Os autores acima se contrapõem no contexto de construção cognitiva por parte do aluno. Enquanto Peters (2002) defende a aprendizagem autônoma e autorregulada, na qual o aluno é o construtor de seu próprio conhecimento, Carvalho e Azevedo continuam defendendo não só a presença do professor, como também a interação no processo de forma coletiva.

A conclusão que podemos tirar através destes contrapontos, a partir da ideia de Moore (1998) é que pedagogicamente o aluno da modalidade EAD, independente de sua idade, ainda não é maduro o suficiente para construir o seu poder cognitivo de forma autônoma e autorregulada. E por esta razão, na ideia de Petters (2002) o aluno necessita da presença, mesmo virtual, do professor, assessorando, motivando e mostrando os caminhos da construção cognitiva.

Acredito que tenham muitas outras variáveis que se modificam nestes contextos. O estilo de aprendizagem, os recursos, os perfis dos professores, tutores

e alunos, o contexto, a flexibilidade de espaço e tempo, etc. isto, dentre outros, acarretam também alterações no perfil do aluno formado pela modalidade EAD.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse recorrido teórico percebe-se que, com o advento da EAD na contemporaneidade temos uma grande necessidade de nos mantermos atualizados constantemente. A princípio os avanços tecnológicos requerem atualizações permanentes de suporte de mídias, como também a administração do nosso tempo e comprometimento, tanto docente quanto discente.

Neste processo de ensino e aprendizagem à distância podemos contemplar uma Educação de massa oferecendo oportunidades de ensino e aprendizagem a indivíduos que pelo sistema tradicional de ensino jamais teriam condições de frequentar uma sala de aula.

Nas abordagens acima, vimos ideias de pensadores ainda se confrontando em relação à construção do conhecimento. Uns ainda defendem o aprendizado individual, responsável, com administração de seu próprio tempo e conhecimento, ao passo que outros defendem o aprendizado cooperativo e colaborativo.

Vê-se também, que ambas as formas de ensino e aprendizagem são viáveis, como também requerem um comprometimento, participação e administração tanto do aprendiz, quanto do grupo e do professor.

Podemos constatar, conforme as teorias que foram abordadas, que o processo de ensino e aprendizagem à distância continua em transição; bem como, que os papéis de professores e alunos vêm se modificando neste processo. Este

processo é bem apontado por Peters (2002) ao traçar um panorama em que nos apresenta a demanda crescente em relação à Educação à Distância e nos convida a refletirmos sobre a Universidade do futuro.

O autor refere-se ao fato de estarmos atravessando uma revolução pedagógica decorrente do uso crescente dos ambientes informatizados e da aprendizagem via rede. Salaria como um aspecto relevante da aprendizagem *online* que propicia os meios para lidarmos com as exigências sociais atuais, devido as suas multiplicidades e instantaneidades comunicacionais.

A Educação à Distância, conforme Peters (2001) vem moldando uma educação de massa. O que era específico da educação de crianças e adolescentes, agora inclui trabalhadores adultos e a terceira idade. Assim, situa-se como uma possibilidade de estudo para aqueles que se encontravam fora das salas de aulas, devido ao seu trabalho, idade, tempo ou outros compromissos. Com este panorama, se impõem reflexões sobre o novo aluno que se desenha nos tempos atuais.

Em relação ao perfil do aluno para acompanhar esta tendência da Educação *Online*, Peters (2002) nos traz contribuições importantes. Algumas características são necessárias, aponta, entre elas de que o aluno precisa desenvolver, acostumar e inclusive internalizar a nova abordagem, pelo fato de precisarem organizar a sua aprendizagem independentemente e, por isto, assumirem para si, muitas responsabilidades que antes ficavam a cargo dos professores.

O autor defende ainda que o aluno necessita de um bom número de técnicas para exploração de navegação na internet, inovando constantemente, numa

aprendizagem ativa, construtiva e contextualizada. Os alunos precisam executar suas próprias tarefas de aprender e também interpretar e refletir criticamente sobre o que estão fazendo quando aprendem.

Um aspecto importante que Peters (2002) traz é no que tange aos alunos estarem tornando-se “consumidores”. Aponta como consequências deste fato, que se espera desta forma, que os professores sejam “amigáveis com os consumidores” e que procurem promover a “satisfação dos consumidores”. Ou seja, trata-se de uma modificação no processo de ensino e aprendizagem, na qual o ensino passa a ser uma mercadoria e, assim poder ser vendido e consumido. Os paradigmas pedagógicos no ensino e aprendizagem na modalidade à distância necessitam ser revistos para que a educação não perca o seu foco e o alcance de suas metas.

Para tanto, pontua o autor, é importante que as novas mídias para a informação e comunicação estejam disponíveis para este processo, sendo auxiliares para projetar, planejar e desenvolver as várias formas de ensinar e aprender. Afirma que, com o advento das tecnologias, modifica-se a forma de ensino expositiva, na qual os professores são os detentores do saber e, os alunos serão obrigados a desenvolver a sua autonomia. Autonomia esta, que se torna importante para que o aluno consiga se organizar em um dos pontos principais que são elencados na EAD, que é a possibilidade do aluno determinar o seu horário, tempo e local de aprendizagem.

Carvalho (2007) refere que a questão da flexibilidade propiciada pela modalidade à distância pode ser também a razão do insucesso dos alunos, pela dificuldade que pode advir em organizarem o seu tempo e espaço. Lembra a necessidade do aluno

de aprender a administrar o seu tempo, conseguindo assimilar o seu crescimento cognitivo a este novo ambiente de aprendizagem autônoma e responsável.

Conforme Peters (2002), com a sociedade em rede, a construção do conhecimento torna-se mais participativa e cooperativa e pode atender de maneira melhor às necessidades do processo educativo atual.

Assim, salienta o autor, que a sociedade do conhecimento requer novas formas de aprendizagem, com alunos que tenham iniciativa para criarem, planejarem, programarem e controlarem o que aprendem. Com a autonomia, os estudantes são conduzidos a uma relação ágil e interativa com todos os tipos de informação, aumentando desta forma a acessibilidade aos conhecimentos disponíveis via rede.

Libâneo (2001) refere-se à transformação na concepção de conhecimento decorrente da crise de paradigmas das ciências, das inovações tecnológicas e comunicacionais, requerendo reavaliações sobre o processo de ensino e aprendizagem. Aponta a mudança do paradigma tecnicista do conhecimento como operacionalização para o do aprender a pensar; e que isto vem requerendo o auxílio de alunos e professores no desenvolvimento da qualidade do pensar, de habilidades e estratégias de um pensar autônomo, crítico e criativo.

Corbellini (2012) enfatiza a importância da inclusão da cooperação no processo de ensino-aprendizagem e salienta que a EAD traz em seu bojo, a necessidade de novas formas de aprender, causada, entre outras, pelas informações ilimitadas que estão ao nosso alcance, com apenas um teclar.

O aprender por colaboração, como comenta Peters (2002), utiliza as vantagens do trabalhar em grupo e da ajuda mútua no processo de ensino e aprendizagem; assim como, na transmissão de valores e padrões. Além dessas, o autor aborda o aprender por comunicação, via palestras, debates, entre outras, que são componentes tradicionais de várias formas de ensino e aprendizagem.

Azevedo (2005) corrobora esta ideia, concluindo que há necessidade de que o sistema viabilize a aprendizagem e a interação, em um espaço que a construção do conhecimento favoreça a autonomia de seus participantes.

Em concordância com este ponto, Corbellini e Real (2012) apresentam a pesquisa cooperativa na modalidade à distância, como uma forma epistemológica viável e uma atividade investigativa, exigindo métodos, técnicas e análises científicas para delimitar o desconhecido.

Outro ponto que Peters (2002) nos apresenta é de que os espaços virtuais fornecem possibilidades que não encontramos no mundo real, como: desinibição, troca de gênero, o desenvolvimento de identidades, ou seja, a construção e reconstrução do eu empírico como fenômenos que surgirão em dimensões não exploradas no desenvolvimento do ser humano.

Ao referir-se à epistemologia genética, Corbellini (2012) salienta que a aprendizagem é uma construção permanente e engloba o cognitivo, o afetivo e o moral, no qual educar deve ser uma mola propulsora que possibilite o desenvolvimento integral do ser humano, constituindo e se constituindo numa evolução constante.

Além disso, Peters (2012) aponta a dificuldade de adaptação para o aluno EAD. Deve-se, ao fato de o aluno ainda ser descendente de um sistema educacional expositivo dirigido pelo professor, onde ele era considerado o centro do saber e orientador do ensino e aprendizagem da pedagogia tradicional.

Moore (1998) cita outro ponto que pode ser um limitador na relação de aprendizagem: o computador. Refere-se a esse, como um artefato que esfria as relações entre professores e alunos. Afirma que muitos encaram a EAD como sendo uma modalidade mais fácil e exige menos dedicação que o estudo presencial e, ao se depararem com as exigências que envolvem a prática da Educação à Distância, abandonando os estudos sem concluí-los.

E, Carvalho (2007) afirma que a modalidade à distância, pela sua própria estrutura, incentiva o aluno ao desenvolvimento de sua autonomia, a conquista da sua independência, a ser responsável por sua aprendizagem. Essas competências acarretam como consequências, o aumento do nível de exigência destes alunos, desencadeando um processo contínuo de busca de melhoria de suas aprendizagens. Salaria a autora, que a compreensão da importância dos diversos papéis que são exercidos pelos professores na Educação à Distância é que permitirá a abertura de um espaço para revermos as estruturas implantadas até agora.

O papel do professor, tal qual o do aluno, também sofre alterações. Em relação ao papel dos professores, Peters (2002) refere que estes precisam hoje planejar cuidadosamente e com antecedência as suas aulas, pois têm que construir os

artefatos necessários, assim como serem capazes de realizarem suas funções de forma adequada ao ensino.

O autor defende que os professores devem conseguir dados relevantes sobre o progresso do ensino e aprendizagem e avaliá-lo constantemente. Necessitam estar motivados e até ansiosos para que os alunos se tornem independentes.

Carvalho (2007) aborda a necessidade da presença do professor na dinâmica da aprendizagem *online* para a aquisição de habilidades e competências, permeando assim, a construção de conhecimento do aluno EAD.

Para Peter (2002), o professor passa a ser um assessor, facilitador, orientador e conselheiro do aluno que administra o seu próprio aprendizado.

Carvalho (2007) afirma que o papel do professor é essencial para o sucesso do aluno. Requer-se também, transformações profundas do método de ensino expositivo e da imagem central do professor, como autoridade máxima na mediação do conhecimento. Para o autor, o professor continua com seu papel imprescindível de mediador e colaborador nesta modalidade, sendo esta essencial para o sucesso da aprendizagem do aluno.

Na EAD, o aluno é convidado a construir o seu conhecimento, o que antes era papel do professor. Hoje, o aluno possui mais aparatos de pesquisas e referências ao seu dispor, assim como, os professores e colegas perto para os auxiliarem. O saber, desta forma, deixa de “pertencer” ao professor.

Para Moreira (2007) a educação contemporânea consiste em conceber professores e gestores como intelectuais contribuindo assim, para repensar a

escola, a formação e a tecnologia, de modo que a construção de narrativas das histórias de vida seja o maior objetivo.

Ou, como aponta Moreira (2007), deve-se permitir o enraizamento de novos conhecimentos, adquiridos ou construídos, em que é possível conhecer e reconhecer o outro e também, é possível existir o sentimento do “nós”, utilizando-nos da tecnologia como ferramentas para romper as barreiras entre grupos e povos, tornando-se um instrumento de estruturação de grupos e projetos.

Assim, podemos considerar que alterações no panorama geral da educação tem se desenhado ao longo dos últimos anos, principalmente pelo advento das tecnologias. A inserção da Educação à Distância, como uma resposta às novas demandas que a sociedade tem imposto, causaram modificações também, nos perfis dos alunos e professores, assim como, nos processos de ensino e aprendizagem.

Em relação aos perfis dos alunos, podemos detectar um considerável aumento de “atividade” requerida em sua aprendizagem. O aluno, que até então, era passivo, receptor do conhecimento, passa a ter autonomia e necessita administrar o seu aprender, seja em termos de conhecimentos, de tempo, de espaço, entre outros. Outras importantes características podem ser elencadas a partir da revisão bibliográfica que realizamos: a flexibilidade, a independência, o trabalhar colaborativamente, o pesquisar, o aprender a aprender, a capacidade de crítica, etc.

No que tange aos papéis dos professores, também se observa mudanças consideráveis. O professor, que até então, era o centro do processo de ensino e

aprendizagem, o “detentor do saber”, passa a ser um mediador, um facilitador, um orientador da aprendizagem do aluno. Hoje, o planejamento torna-se uma peça fundamental no processo de ensino e aprendizagem. O professor deve planejar, com cuidado e antecedência as suas aulas, pois é necessário, entre outras, a construção dos artefatos. A avaliação torna-se fundamental como processo, exigindo competências dos professores para realizá-la.

O professor torna-se uma peça essencial como motivador para a independência do aluno, sendo que a sua presença é salientada pelos autores como um aliado importante neste processo.

A Educação à Distância cada vez mais, tem se destacado como uma resposta às demandas sociais atuais. A sua instantaneidade, sua agilidade, seu acesso aos conhecimentos, entre outras variáveis, faz com que esteja cada vez mais próxima de todos. Os recursos síncronos disponibilizados têm propiciado com que sejam cada vez mais atraentes. As atividades em grupo, colaborativas, condizentes com uma concepção epistemológica construtivista, transforma o aluno em um sujeito mais ativo, construtor de seu conhecimento, isto é, com condições de aprender a aprender, o que é um requisito fundamental da sociedade atual.

Desta forma, Peters (2002) ao referir-se à universidade do futuro, aponta que essa usará e integrará diversas formas de apresentação: face a face, à distância e informatizada e que cada vez mais irão desenvolver configurações pedagógicas distantes das tradicionais. As organizações flexíveis formarão várias configurações,

visando suprir as demandas dos novos alunos que até então se encontravam excluídos.

Os novos perfis tornam-se um importante aliado, para nossa reflexão do processo de ensino e aprendizagem que se abrem nesse universo. Considera-se que essas modificações são construções, necessárias para responder as questões que a sociedade do conhecimento tem imposto.

Mas, lembramos, conjuntamente com Gadotti (2000), que a educação é um 'bem coletivo' e não deve ser regulada pelo mercado, nem por interesses políticos ou qualquer outro mecanismo burocrata. Aponta o autor que quem deve ter o poder decisório sobre a qualidade de seus certificados é a sociedade e o sujeito aprendente. Assinala que a escola deve se organizar neste movimento de renovação cultural e que necessita ser um centro de inovação. Afirma que a educação tecnológica deve começar a constituir-se desde a educação infantil e que a escola, deverá ter a função de servir como bússola para navegar nessa sociedade do conhecimento.

Ou seja, a necessidade de estarmos atentos e abertos para as novas tecnologias, novas práticas pedagógicas, para as novas demandas deve tornar-se uma constante função das escolas. Não há como nos exirmos de nossos papéis sociais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Viviane Leite Lucas, ARAÚJO, Viviane, ABREU, Diana Santos, BELO, José Carlos Júnior, VILARDI, Raquel, **Educação a Distância: Novos Paradigmas da prática Docente**, UERJ, 2005

BECKER, Fernando. **Educação e Construção do Conhecimento**. Porto Alegre, ArtMed, 2001.

CARDIM, Nanci Neves, **A Pesquisa sobre Didática nos cursos da Modalidade Educação a Distância: Tendências e Lacunas**, 2012, Disponível em <<http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/index.php/sied/search/titles?searchPage=3>> Acesso em 08 out. 2012, 11: 00: 30.

CARVALHO, Ana Beatriz, **Os Múltiplos papéis do Professor em Educação a distância: Uma Abordagem centrada na Aprendizagem**, in 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste – EPENN, Maceió, 2007.

CHALITA, Gabriel, **A Escola dos Nossos Sonhos, A Escola: Espaço de Acolhimento**, São Paulo, Ciranda Cultural, 2009.

CORBELLINI, Silvana, **A construção da Cidadania via Educação a Distância**, 2012, Disponível em <<http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/index.php/sied/article/view/59>> Acesso em 02 out, 2012, 14: 20: 02.

CORBELLINI, Silvana, REAL, Luciane M. Corte. **Caleidoscópio: As Multivisões Facetadas da Pesquisa Cooperativa na Educação a Distância**, 2012, Disponível em <<http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/index.php/sied/search/titles?searchPage=3>> Acesso em 10 out. 2012, 10: 30: 30.

LIBÂNEO, José Carlos, **Pedagogia e Pedagogos: Inquietações e Buscas**, Educar, Curitiba n. 17 2001.

GADOTTI, Moacir, **Perspectivas Atuais da Educação**, São Paulo em Perspectiva, 2000.

MOORE, Michael, KEARSLEY, Greg, **Educação a Distância Uma Visão Integrada**, Cengage Learning, Tradução Roberto Galmann, 1998.

MOREIRA, Antônio, BARBOSA, Flavio, KRAMER, Sônia, **Contemporaneidade, Educação e Tecnologia**, Educ. Soc., Campinas, vol 28 n. 100, 2007.

PETERS, Otto, **A Educação a Distância em transição, Tendências e Desafios**. Editora Unisinos 2002.

GLOSSÁRIO

Sociedade da Informação: Sociedade da Informação é um termo - também chamado de Sociedade do Conhecimento ou Nova Economia - que surgiu no fim do Século XX, com origem no termo Globalização. Este tipo de sociedade encontra-se em processo de formação e expansão.

A sociedade não é um elemento estático, muito pelo contrário, está em constante mutação e como tal, a sociedade contemporânea está inserida num processo de mudança em que as novas tecnologias são as principais responsáveis. Alguns autores identificam um novo paradigma de sociedade que se baseia num bem precioso, a informação, atribuindo-lhe várias designações, entre elas a Sociedade da Informação.

Fonte:

http://www.educared.org/educa/index.cfmpg=internet_e_cia.informatica_principal&id_inf_escola=664

Síncrono: Existem dois meios distintos de ensinar através do e-learning: Síncrono e Assíncrono. Síncrono é quando professor e aluno estão em aula ao mesmo tempo. Exemplos de recursos síncronos: Telefone, Chat, Vídeo Conferência, Web conferência. Através da Web conferência o professor ministrará a aula e os alunos, via WEB, irão ouvir sua palestra e ver suas transparências, podendo realizar perguntas e discussões. Este modelo é o que mais se assemelha ao ensino presencial, principalmente na estrutura de custos, desenvolvimento e atualização de conteúdo. Com a grande ampliação dos recursos de comunicação por voz (VOIP) na

WEB, exemplo o sistema Skype, e os mensageiros como um todo. Estes meios têm ganho muita importância.

Já no e-learning Assíncrono, professor e alunos não estão em aula ao mesmo tempo. Exemplos de recursos assíncronos: e-mail e fórum.

Fonte:

http://www.educared.org/educa/index.cfmpg=internet_e_cia.informatica_principal&id_inf_escola=664

Sociedade em Rede: Para entender o que é a sociedade em rede, a sociedade da informação, convém ter claro o que era a sociedade anterior, a sociedade industrial. Enquanto nesta última a ação do homem sobre o meio é direta, se dá em espaços delimitados e em concordância temporal e física, na sociedade da informação rompem-se as barreiras espaço-temporais e é possível atuar à sua margem. A sociedade em rede se caracteriza pela globalização das atividades econômicas decisivas e sua organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do trabalho bem como por sua individualização; pela chamada cultura da “virtualidade real”; e pela transformação das bases materiais da vida: o espaço e o tempo mediante a constituição de um espaço de fluxos e de um tempo atemporal (Castells, 1999).

Fonte:

http://www.educared.org/educa/index.cfmpg=internet_e_cia.informatica_principal&id_inf_escola=664

Ambiente Virtual de Aprendizagem: Ambientes virtuais de aprendizagem (do inglês, Virtual learning environment) são softwares que auxiliam na montagem de cursos acessíveis pela Internet. Elaborado para ajudar os professores no gerenciamento de conteúdos para seus alunos e na administração do curso, permite

acompanhar constantemente o progresso dos estudantes. Como ferramenta para EAD, são usados para complementar aulas presenciais.

FONTE:

http://www.educared.org/educa/index.cfmpg=internet_e_cia.informatica_principal&id_inf_escola=664